



***DOCÊNCIA E MASCULINIDADES: EXISTE ESPAÇO PARA O
PROFESSOR HOMEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL?***

***ENSEÑANZA Y MASCULINIDADES: ¿HAY ESPACIO PARA EL
DOCENTE MASCULINO EN LA EDUCACIÓN INFANTIL?***

***TEACHING AND MASCULINITIES: IS THERE SPACE FOR THE MALE
TEACHER IN EARLY CHILDHOOD EDUCATION?***

Nadson Nascimento Martins¹

Sirlene Mota Pinheiro da Silva²

RESUMO

O presente estudo aborda os desafios enfrentados por estudantes homens na licenciatura em Pedagogia, com foco na atuação a Educação Infantil, espaço historicamente associado ao feminino. O objetivo é compreender as percepções desses discentes, analisando os obstáculos acadêmicos e profissionais, os estereótipos de gênero e as possíveis contribuições da presença masculina na docência da Educação Infantil. A pesquisa, de abordagem qualitativa, utilizou revisão bibliográfica e entrevistas semiestruturadas com sete alunos da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Os dados revelam que o preconceito, o isolamento, as restrições institucionais e os olhares de suspeitas impactam a permanência e a participação desses homens na Educação Infantil. Conclui-se que romper com a masculinidade hegemônica (Connell e Messerschmidt, 2013) e ampliar as discussões de gênero (Scott, 1995; Louro, 2014) são caminhos para uma educação mais inclusiva, sensível e equitativa.

PALAVRAS-CHAVE: Masculinidades. Gênero. Educação Infantil. Formação Docente.

RESUMEN

Este estudio aborda los desafíos que enfrentan los estudiantes varones de grado en Pedagogía, con énfasis en la Educación Infantil, un campo históricamente asociado a las mujeres. El objetivo es comprender las percepciones de estos estudiantes, analizando los obstáculos académicos y profesionales, los estereotipos de género y las posibles

¹ Discente do curso de Pedagogia. Universidade Federal do Maranhão - UFMA, São Luís, Maranhão, Brasil.

² Doutora em Educação. Universidade de São Paulo - USP, Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Gênero e Sexualidade nas Práticas Educativas - GESEPE/UFMA, São Luís, Maranhão, Brasil.

contribuciones de la participación masculina. La investigación cualitativa se basó en una revisión bibliográfica y entrevistas semiestructuradas con siete estudiantes de la UFMA. Los datos revelan que el prejuicio, el aislamiento, las restricciones institucionales y una mirada desconfiada impactan en la permanencia y participación de estos hombres en la Educación Infantil. Se concluye que romper con la masculinidad hegemónica (Connell y Messerschmidt, 2013) y ampliar las discusiones de género (Scott, 1995; Louro, 2014) son caminos hacia una educación más inclusiva, sensible y equitativa.

PALABRAS-CLAVE: Masculinidades. Género. Educación Infantil. Formación del Profesorado.

ABSTRACT

This study addresses the challenges faced by male undergraduate students in Pedagogy, focusing on Early Childhood Education, a field historically associated with women. The aim is to understand these students' perceptions by analyzing academic and professional obstacles, gender stereotypes, and the potential contributions of male involvement. This qualitative research used a literature review and semi-structured interviews with seven UFMA students. The findings reveal that prejudice, isolation, institutional restrictions, and a suspicious outlook impact men's retention and participation in Early Childhood Education. It is concluded that breaking with hegemonic masculinity (Connell & Messerschmidt, 2013) and expanding gender discussions (Scott, 1995; Louro, 2014) are paths toward a more inclusive, sensitive, and equitable education.

KEYWORDS: Masculinities. Gender. Early Childhood Education. Teacher Training.

* * *

Introdução

A pedagogia, assim como outras profissões que estão diretamente relacionadas ao cuidado com outro, foram historicamente atribuídas e relacionadas ao papel da mulher imposto pela sociedade patriarcal, repassando esse pensamento entre as gerações, o que reforça a ideia que a docência, sobretudo na Educação Infantil, seria uma “vocação natural” das mulheres, sendo uma extensão das tarefas domésticas e maternas.

No Brasil, dados evidenciam o baixo índice de homens no curso de Pedagogia e, especialmente, como educadores de crianças pequenas. De acordo com o Censo Escolar de 2024, aproximadamente 687 mil docentes lecionam na Educação Infantil, as mulheres representam 96,1% dos (as) profissionais, enquanto os homens correspondem a apenas 3,9%. O baixo número de homens ingressando na licenciatura em Pedagogia e, posteriormente, atuando nas escolas de Educação Infantil trazem à tona não apenas uma construção social, mas também os estigmas e preconceitos que cercam a masculinidade e o ato de cuidar.

Além disso, nos inquieta perceber que por se tratar de um curso majoritariamente

feminino, homens que optam pela Pedagogia acabam constantemente sendo colocados à prova quanto à sua orientação sexual. Isso ocorre porque, segundo as construções sociais vigentes, o curso não é visto como uma escolha de prestígio masculino. Dessa forma, os estudantes homens do curso de Pedagogia, frequentemente, enfrentam pressões, invasões de privacidade e a violação de sua intimidade, tendo sua orientação sexual exposta, desrespeitada e, em muitos casos, invalidada.

Cabe ressaltar, que este estudo não trata e nem questiona a atuação predominante das mulheres na docência da Educação Infantil, mas visa demonstrar inquietação referente à representação mínima de pedagogos atuando na docência das infâncias, como o número quase nulo de professores homens atuando na Educação Infantil conforme revela os dados do Censo Escolar de 2024.

Assim, a pesquisa busca analisar as percepções de alunos homens do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Maranhão (UFMA) sobre a atuação masculina na Educação Infantil, bem como os desafios e as possíveis contribuições dessa presença no processo educacional.

Desse modo, procuramos compreender as percepções desses discentes quanto à atuação masculina na Educação Infantil, identificando os desafios enfrentados na formação acadêmica e no campo profissional, os fatores que os aproximam ou os afastam dessa etapa da educação básica e, ainda, as reflexões sobre as contribuições da figura do professor homem na desconstrução de estereótipos de gênero.

O caminho percorrido

Este estudo adota uma abordagem qualitativa, conforme Prodanov e Freitas (2013), utilizou-se o ambiente como a principal fonte de dados. A pesquisa de campo contou com a participação de sete alunos do curso de Pedagogia da UFMA, todos do sexo masculino, matriculados nos últimos períodos e que já haviam realizado o Estágio em Docência da Educação Infantil. Os estudantes autorizaram o uso de seus nomes, por meio de assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Para obter os dados relacionados ao objetivo da pesquisa, adotamos a técnica de entrevista semiestruturada, envolvendo os alunos masculinos do curso de Pedagogia da UFMA, conforme sugerem Lüdke e André (2018, p.39):

Na entrevista a relação que se cria é de interação, havendo uma atmosfera de influência recíproca entre quem pergunta e quem responde. Especialmente nas entrevistas não totalmente estruturadas, onde não há a imposição de uma ordem rígida de questões, o

entrevistado discorre sobre o tema proposto com base nas informações que ele detém e que no fundo são a verdadeira razão da entrevista.

A técnica de análise de conteúdo nos auxiliou na interpretação dos dados que foram coletados. Segundo Romeu Gomes (2002, p.74) “a análise e a interpretação estão contidas no mesmo movimento: o de olhar atentamente para os dados da pesquisa”. Dessa forma, ela não se limitou apenas ao processo final da pesquisa, mas esteve presente desde a coleta de dados. Uma ferramenta essencial para auxiliar esse procedimento foi a categorização, que, para Gomes (2002, p. 70), “trabalhar com elas significa agrupar elementos, idéias ou expressões em torno de um conceito capaz de abranger tudo isso”. Por meio dela, identificamos, organizamos e classificamos os aspectos que possuíam alguma ligação. Essas classificações podem variar, mas se aproximam dos objetivos da pesquisa.

Essa abordagem favoreceu a criação de uma interação que permitiu uma troca recíproca entre o entrevistador e os entrevistados, possibilitando identificar os principais desafios, preconceitos e discriminações que esses estudantes enfrentam por terem escolhido o curso de Pedagogia, bem como as barreiras para sua inserção em um espaço que ainda causa estranheza quando ocupado por homens. Além disso, possibilitou refletirmos sobre as estratégias para romper estereótipos de gênero e compreender as contribuições da figura masculina para as crianças na Educação Infantil.

Masculinidades, estereótipos de gênero e a exclusão da docência masculina

A docência masculina no trabalho com a infância é um fato social historicamente considerado improvável pela mentalidade da sociedade. Em diferentes momentos históricos e diante das diversas culturas, a reprodução considerada algo mais feminino liga-se à maternidade, cuidado e carinho. Refletir sobre a inserção masculina nesse contexto e sobre as barreiras existentes para sua atuação nos ajuda a compreender as nuances que envolvem essa problemática. Os fatores históricos e sociais revelam pistas que moldam os preconceitos e estereótipos acerca da atuação de homens em turmas de crianças pequenas.

No Brasil, a educação não surgiu para abranger a necessidade de todas as pessoas. Tanto à docência quanto o acesso aos estudos eram limitados, e a imposição de gênero delimitava o espaço educacional, tornando-o um privilégio apenas de homens e de grupos religiosos. Segundo Guacira Louro (2014), a constituição da educação brasileira, foi predominantemente ligada a uma estrutura masculina e religiosa, conduzida pelos jesuítas

no período colonial, que além de terem a “missão” de catequizar os povos indígenas, não mediaram esforços para a eficácia da formação dos jovens brancos pertencentes às elites, com o propósito de criar modelos de católicos ideais.

Com as mudanças resultantes da industrialização, o ingresso acelerado das crianças nas instituições escolares se deu em função das necessidades das mães que passaram a trabalhar fora de casa. Assim, buscava-se um lugar seguro, para que elas pudessem ser bem cuidadas. Nesse cenário, o trabalho com as crianças da Educação Infantil foi atribuído às mulheres, de forma que as atividades desenvolvidas durante essa etapa passaram a ser vistas como uma “extensão da maternidade e do lar” (Louro, 2014), afastando, consequentemente, os pedagogos homens:

[...] desde o século XIX, pouco a pouco os homens vão abandonando as salas de aulas nos cursos primários, e as escolas normais vão formando mais e mais mulheres. Essa característica mantém-se por todo o século XX, estimulada, sobretudo, pelas intensas transformações econômicas, demográficas, sociais, culturais e políticas por que passa o país e que acabam por determinar uma grande participação feminina no mercado de trabalho em geral (Claudia Viana, 2002, p. 85).

O movimento de “saída” dos homens do ensino primário foi resultado de um processo histórico, social e econômico, dando espaço para a presença majoritária das mulheres nas turmas de Educação Infantil e nos cursos de Pedagogia, realidade que se mantém até os dias atuais.

Ao nos debruçarmos sobre literatura, identificamos intenso debate acerca da influência dos estereótipos de gênero na escolha profissional.

[...] o termo "gênero" também é utilizado para designar as relações sociais entre os sexos" [...] torna-se uma forma de indicar "construções culturais" - a criação inteiramente social de idéias sobre os papéis adequados aos homens e às mulheres" (Joan Scott, 1995, p.75)

De acordo com Scott (1995), gênero pode ser compreendido como uma construção histórica, mas também relacional e cultural que dá sentido às práticas sociais por meio das experiências. No que se refere à escolha profissional, essas construções resultam na forma como determinadas profissões são associadas e atribuídas a um dos性os. Assim, quando um homem escolhe atuar na docência da Educação Infantil, ele rompe e desafia um ideal enraizado nas construções sociais que é a masculinidade hegemônica (RayConnel; Messerschmidt, 2013),

A masculinidade hegemônica se distinguiu de outras masculinidades, especialmente das masculinidades subordinadas. A masculinidade hegemônica não se assumiu normal num sentido estatístico; apenas uma minoria dos homens talvez a adote. Mas certamente ela é normativa. Ela incorpora a forma mais honrada de ser um homem, ela exige que todos os outros homens se posicionem em relação a ela e legitima ideologicamente a subordinação global das mulheres aos homens (Connel; Messerschmidt, 2013, p.245).

Essa masculinidade hegemônica normativa, segundo os autores, ignora outras formas de ser homem, principalmente as que se distanciam da imagem de um homem viril, dominador, frio e bruto. A quebra dessa masculinidade dominante, ocorre, por exemplo, quando um homem decide atuar com crianças pequenas, trabalhando sobretudo por meio do cuidado, do afeto e da escuta, fazendo com que ele seja alvo de olhares de suspeita e vigilância, visto como “menos homem”.

Dessa forma, os indivíduos são impulsionados por relações sociais que estabelecem normas a serem seguidas apenas por mulheres ou homens, impactando diretamente na vida pessoal e profissional. Segundo Leonardo Duarte (2023, p.111) “Os estereótipos sociais não permitem que homens ocupem profissões sem privilégio social, e os homens que desempenham tais tarefas são considerados à parte ou questionados quanto à sua sexualidade e à moral”. No que se refere à docência na Educação Infantil, essas normas sociais atribuem culturalmente essa profissão às mulheres, desconsiderando a capacidade dos homens de atuarem nesse campo. Esses passam ser vistos, muitas vezes, como sujeitos perigosos, conforme afirma Deborah Sayão (2005, p.273):

É indubitável a crença disseminada de um homem sexuado, ativo, perverso e que deve ficar distante do corpo das crianças. Em contrapartida, há formas explícitas de conceber as mulheres como assexuadas e puras e, portanto, ideais para este tipo de trabalho. No entanto, além de nossas crenças mais comuns e, muitas vezes pré concebidas, o que sabemos sobre como atuam professores em creches?

A autora nos leva refletir sobre as ideias estereotipadas que consideram as atividades de cuidado corporal como uma profissão exclusivamente feminina. Assim, quando um homem atravessa essas ideias e entra nesse campo profissional, que historicamente foi atribuído às mulheres, pode gerar dúvidas, questionamentos e conflitos decorrentes de preconceitos e pensamentos estereotipados do que é permitido ou não ao homem e a mulher no pleno exercício profissional:

São evidentes os preconceitos e estigmas originários de ideias que veem a profissão como eminentemente feminina porque lida diretamente com os cuidados corporais de meninos e meninas. [...] os cuidados com o corpo foram atributos das mulheres, a proximidade entre um homem lidando com o corpo de meninos e/ou meninas de pouca idade provoca conflitos, dúvidas e questionamentos, estigmas e preconceitos (Sayão 2005, p.16).

Em consonância, Amanda Rabelo (2013, p. 909) afirma que atualmente, “o professor homem torna-se um corpo estranho nas séries iniciais do ensino fundamental”. Da mesma forma, a chegada de homens na Educação Infantil, espaço majoritariamente feminino causa estranheza, conforme refere Sayão (2005, p. 66) “a chegada de um homem num espaço dominado por mulheres e supostamente feminino produz uma sensação de deslocamento, desconfiança e incômodo”, tornando-se o homem “um corpo estranho”, impactando no deslocamento e sentimento de não pertencimento, como se estivessem invadindo um espaço socialmente não recomendado para os homens.

Desse modo, as crenças sociais moldam a percepção de gênero em contextos educacionais, sendo o homem visto como sexualizado, ativo e potencialmente perigoso. Tal visão leva ao preconceito e à sua exclusão de sua atuação nos cuidados infantis. O estigma de que a docência da Educação Infantil é um trabalho exclusivamente feminino cria barreiras ao desenvolvimento profissional de homens que desejam atuar na Educação Infantil, pois a presença de homens na docência de Educação Infantil sempre vem acompanhada de desconfianças, seja da comunidade escolar ou da sociedade.

Desafios da escolha profissional no imaginário social

Nesta seção, abordaremos sobre a participação de alunos homens no curso de Pedagogia da UFMA. No que tange à integridade dos alunos entrevistados, a pesquisa não apresentou nenhum tipo de risco. Todos concordaram com a divulgação e identificação do uso do nome, mediante a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Para preservar a identidade, utilizaremos apenas o primeiro nome de cada participante no processo de análise dos dados.

Dessa forma, incentivamos os alunos a refletirem sobre os sentimentos que envolvem a sua presença nesse espaço, suas experiências ao realizarem o estágio em docência da Educação Infantil, bem como os desencontros, tensões, estranhamentos e desafios que rodeiam a figura masculina em creches e escolas de Educação Infantil.

Além disso, acreditamos que a inserção desses alunos homens nesses espaços representa o primeiro passo para a desconstrução dos estereótipos de gênero que envolvem a docência masculina nessa etapa da Educação. Refletiremos, também, sobre as possíveis contribuições dos alunos e professores homens no desenvolvimento das crianças e rompimento dos limites e barreiras sociais

Ser homem no curso de Pedagogia é um marco de desconstrução das construções sociais que determinam as profissões como “trabalho de homem” e/ou “trabalho de mulher”. Quando um homem rompe essa lógica, diversas tensões o cercam, levando muitas vezes à desmotivação, ao desinteresse e até ao desejo de desistir. Ao serem questionados sobre o que significa ser homem no curso de Pedagogia, percebe-se, ao longo das falas, que estar em um espaço feminizado é desafiador, desconfortável, difícil e solitário.

É desafiador, eu digo que é uma formação solitária, a gente encontra poucos, eu mesmo no meu período, só encontrei junto agora você e o João, juntando vocês dois, acho que deram cinco homens durante todos esses anos e muitos nem sequer cursaram o curso todo, saíram, também eu acho que o nível de evasão é muito grande de homens na pedagogia. A entrada já é pouca, o nível de evasão é maior ainda (Aparício).

É desconfortável ter apenas mulheres como colegas, para mim desde o início foi um desafio, me senti desde o começo um peixe fora d'água (Jonas).

Difícil, porque a gente dentro da sala de aula enfrenta muitos olhares atravessados para a gente, eu confesso que eu tenho várias colegas que não falam comigo desde que começou o curso e eu não entendo porquê. Não é porque eu não tentei, mas a gente tentou, eu falo isso porque outros colegas que são do meu grupo, a gente tem acesso com várias colegas, a gente conversa, brinca tranquilamente. Mas tem colegas que não, sempre olham a gente com um olhar atravessado e mesmo quando a gente tenta estar ali junto já nos repreenderam de forma muito forte, dizendo que não precisavam da gente ali. Então é algo muito recorrente, algo muito forte que infelizmente a gente passa no curso (João).

Existem algumas disciplinas que eu participo que eu encontro três, quatro homens. Já teve uma disciplina que eu fui o único homem. Até as frases das professoras, são “elas”, “vocês professoras”, “alunas”. Então, às vezes elas esquecem, mas assim, as professoras fazem um esforço de deixar o ambiente bem sociável, bem tranquilo para a gente. Ah, tem umas que empolgam, né? “Não, a Pedagogia precisa de homens e tal”. Faz aquele recebimento, aquele acolhimento que é até bom. Mas assim, no geral, às vezes eu percebo que eu fico no canto em relação às moças da Pedagogia e à minha pessoa, não só por ser homem, mas por já ter um pouco mais de idade (Márcio).

O sentimento de solidão mencionado por Aparício, o desconforto expresso por Jonas e a exclusão mencionada por João e Márcio podem ser entendidas como expressões, que segundo Louro (2014) são como o “deslocamento de gênero”. Nessa perspectiva, apesar de pertencerem a esse espaço, o corpo masculino é percebido como intruso e fora do lugar. Dar voz a essas trajetórias se faz necessário para a superação de preconceitos e situações constrangedoras, conforme afirma Gabriel Monteiro (2021, p.78):

[...] entender os fatores que provocam desconfortos e conflitos na sua trajetória acadêmica se faz necessário no sentido de contribuir para a superação de preconceitos ainda presentes quando se fala da presença masculina nas etapas iniciais da Educação Básica, bem como para refletir sobre a necessidade de mudança dessa realidade, como também para ajudar a formular representações sociais nesse curso mais plurais.

Ainda sobre o que significa ser homem no curso de Pedagogia, Maxuel relata:

Ah, é um pouco estranho, né? Porque a grande maioria são mulheres, acho que são personalidades diferentes [...] eu não me sinto muito confortável nesse sentido, porque eu não sei o que o outro aparenta, né? E eu sou um homem grande, gordo, barbudo, né? Não sei como muitas pessoas me veem, mas eu tento ser o máximo simpático, divertido, para não parecer rígido ou gerar transtorno específico que pudesse me impedir de ter uma tratativa dentro da turma, dentro da pedagogia. Mas, como eu falei, eu tento trabalhar isso para cada turma nova que me conhece, né? Para ser agradável para a turma e tal (Maxsuel).

A fala de Maxsuel nos leva a refletir sobre a pressão constante de “adequar-se” para ser aceito. Para Sayão (2005), esse ato de “adequar-se” é uma das estratégias utilizadas pelos homens para suavizar traços que possam parecer agressivos ou inadequados para o espaço escolar.

Ser homem na Pedagogia é estar em um espaço majoritariamente feminino, o que ainda causa certo estranhamento. De certa forma, romper com esses padrões é essencial para compreendermos que o homem também pode educar com sensibilidade (Diego).

É um pouco desafiador, porque, eu nem sei dizer assim, porque é muita questão feminina, apesar de eu ser homossexual, mas eu não tive tanto esse contato, com criança, por exemplo, então o curso ele basicamente oferece, vindo pra outra linha de raciocínio, apenas o curso oferece a formação basicamente para atuar na escola, pra cuidar de criança, não tem as outras áreas como administração e tal, então eu fico um pouco intimidado, por isso que eu resolvi escolher a área da EJA porque já é algo mais adulto (Victor).

Diego e Victor demonstram certo desconforto em relação à estrutura curricular. Victor critica a ênfase excessiva na docência apenas com crianças, revelando insatisfação com a falta de outros componentes. Ao analisarmos a grade curricular do curso de Pedagogia da UFMA, percebemos que, embora haja disciplinas diversificadas, como gestão, políticas educacionais, fundamentos e metodologia da EJA, ainda há lacunas, especialmente no que se refere às discussões sobre gênero. Já a fala de Diego aponta para a necessidade de desconstruir padrões, reconhecendo que afeto e sensibilidade também são atributos masculinos.

O estágio em Docência da Educação Infantil é um componente obrigatório do currículo do curso de licenciatura em Pedagogia, sendo fundamental para a práxis educativa e construção da identidade docente.

O estágio configurado como espaço de pesquisa nos cursos de formação, além de contribuir para a construção da identidade docente, amplia e aprofunda o conhecimento pedagógico e da práxis educativa docente [...]” (Selma Pimenta; Maria Lima, 2019, p. 6).

Todos os entrevistados já realizaram o devido estágio, espaço em que a teoria e a prática se encontram, um lugar de descobertas e pesquisas que auxiliam na construção de um professor crítico reflexivo. Apesar das contribuições significativas para a formação docente, é possível constatar que as vivências nos estágios revelam as sutilezas do cotidiano educacional, como os inúmeros desafios internos e externos que atravessam os espaços escolares. Para os alunos homens do curso de licenciatura em Pedagogia, esses desafios mostram-se ainda maiores.

De acordo Monteiro (2021, p.78), “As dificuldades enfrentadas se acentuam na fase dos estágios supervisionados, que é o momento em que eles buscam oportunidades para experimentar à docência em escolas de Educação Infantil”. Em consonância, Thiago Andrade (2022), em sua tese de mestrado, constatou que um dos alunos entrevistados em sua pesquisa chegou a ser impedido de concluir o estágio, pois devido ao fato de ser homem, era proibido de acompanhar as turmas de Educação Infantil na escola que realizava o estágio. Ao relatarem sobre suas experiências nos estágios em docência da Educação Infantil, constatamos que o principal desafio enfrentado pelos alunos entrevistados são os preconceitos e as desconfianças relacionados às questões de gênero.

As dificuldades geralmente são, olhares de julgamento, exclusão, a gente recebe muita exclusão ainda, das atividades práticas, questão do preconceito, de ambientes que não pode ficar com a criança, a questão de higienização também é uma coisa bem polêmica, eu particularmente para evitar problemas evito ao máximo, eu não eu faço higienização da criança mesmo que seja ambiente de trabalho, pode ser quem ordenar, eu sempre me respaldo, porque eu nunca sei como essa informação vai chegar nos pais, como vão interpretar, então, algumas coisas acabam me privando muito, dentro da educação infantil (Aparício).

Acredito que a maior dificuldade é a falta de confiança por parte dos pais, por não confiarem na segurança dos seus filhos na presença de uma figura masculina (Diego).

As falas dos alunos revelam que, ao pedagogo homem na Educação infantil, sempre recaem olhares de julgamento. Aparício destaca as restrições que o professor enfrenta, como as relacionadas à higienização das crianças e a exclusão de atividades práticas que envolvem o toque, demonstrações de afeto e carinho entre as crianças e o professor, situações que podem ser mal interpretadas pela instituição de ensino, por outros profissionais e pelos pais.

[...] a presença do professor do sexo masculino no espaço escolar, ainda gera certo estranhamento e medo, uma vez que as famílias assim como alguns membros da comunidade escolar sentem receio do trabalho desses professores para com as crianças (Jessica Fávaro, 2020, p.9).

Além dos preconceitos, outro desafio mencionado pelos estudantes é a exclusão e a impossibilidade de realizarem plenamente suas práticas pedagógicas, conforme afirma Márcio e Victor:

Nos dias que eu fiquei na creche, esse foi um estágio bastante de observação, porque até mesmo a sala que nós ficamos, nós percebemos assim que as professoras não, para ser sincero, não valorizaram muito. Nós estávamos em três, e a gente sentia que elas faziam a rotina delas e para a gente só observar, isso foi um tanto distante. Quando a gente se aproximava das crianças e tal, elas também não diziam nada, mas na questão de ajudar, de participar, foi um pouco distante (Márcio).

Eu acho que foi realmente de mostrar a minha posição, a minha opinião, então quando se tem um homem dentro de um grupo onde só tem mulheres, a nossa opinião meia que é invalidada até pelo fato de que a sociedade tem essa questão do patriarcado, de que o homem está sempre fazendo coisa errada, de fato tem, mas tem outros que querem ajudar, mas não são ouvidos, e acho que essa é uma dificuldade que eu vejo, de a gente que é homem dentro do curso que só tem mulheres, da gente ser escutado (Victor).

A desvalorização apontada por Márcio pode prejudicar a relação durante o período de estágio e limitar as possíveis contribuições dos estagiários para o campo educacional. Já a dificuldade relatada por Victor, por mais que pareça sutil, é igualmente relevante, pois a anulação da opinião de um estudante/estagiário, independente do espaço que esteja, pode gerar silenciamentos que impactam na troca entre os alunos, coordenação pedagógica e a relação entre o professor e a família, dificultando a escuta e o diálogo.

As dificuldades pedagógicas também são barreiras mencionadas pelos alunos:

[...] acredito que a docência para educação infantil era quase que um sacerdócio mesmo, porque quando a gente escolhe ser docente, a gente não escolhe pelo dinheiro. Às vezes, parece que quando vamos para uma escola, a gente está numa escola de guerrilha, porque não tem estrutura. A maior dificuldade é lidar com muitas crianças quando elas são muito agitadas, que é quase o tempo inteiro, em determinadas escolas que a gente acaba participando. Então, assim eu também não quero ser professor da educação infantil, e eu nunca busquei, nunca busquei ferramentas específicas para lidar com as crianças, para ajudar ali, né? Assim, eu não sou um general dentro da escola, dentro da sala de aula e tal, mas eu não tenho ferramentas como outras colegas têm para amenizar essas questões de agitação das crianças, né? (Maxsuel).

Maxsuel destaca a falta de estrutura das escolas públicas, mas também menciona que contornar situações inesperadas, como o grande número de crianças em uma sala, constitui um grande desafio, demonstrando que não se sente preparado para lidar com questões emocionais que envolvem aspectos cognitivos e comportamentais das crianças. Jonas relata a falta de criatividade “Acredito que as técnicas, as propostas e a criatividade são as minhas maiores dificuldades” (Jonas). No entanto essas habilidades, podem ser potencializadas com a prática pedagógica, formações e especializações específicas.

Após relatarem os desafios enfrentados durante o estágio em docência da Educação infantil, os alunos foram levados a refletir, mesmo aqueles que não pretendem atuar nessa etapa da educação, sobre as possíveis restrições profissionais que poderão encontrar por serem homens. “Acredito que acharão que por ser homem eu não vou conseguir” (Jonas), o aluno sem pensar muito já destaca uma imposição social que perpassa por muitos anos.

João, Aparício e Maxsuel destacam a relação com as famílias:

Bom, eu penso que principalmente em relação às famílias, porque não é algo muito recorrente você ter um homem na educação infantil, e querendo ou não, ainda é algo muito restrito, muito singular, onde se tem a tia, que é a professora que cuida das crianças. Então, ter uma visão

de que não é uma tia que está ajudando aquela criança ter experiências de aprendizagem um pouco diferente, principalmente quando se fala de homem, porque se considera que o homem não tem afetividade, que não tem o carinho, a atenção, que não tem o zelo que teria a mulher, mas é algo que eu considero e também dentro do campo de pedagogia com as professoras e professores que nós encontramos por aí, porque há uns certos olhares diferentes (João).

Muitas, muitas, mas eu, eu sempre tenho uma boa aceitação dos pais, quando os pais me conhecem como pessoa, então, eu vou ter algumas dificuldades, algumas restrições, mas creio que seja por um determinado tempo, até eu conseguir mostrar o que eu consigo, o meu trabalho. Acho que nós que somos homens dentro da licenciatura, da pedagogia, a gente querendo ou não, se vê obrigado a se provar por meio do nosso trabalho, não é para pessoa, mas como trabalho é ali que a gente vai conquistando o nosso esforço, a gente só precisa ali de uma oportunidade e que alguém veja a gente também como um professor, que tem o mesmo afeto que uma mulher pode ter para uma criança nova, ensinar. Até porque o ensino começou com os homens, depois que foi alternado para as mulheres e hoje é a mulher que predomina, então, é algo que a gente também pode estar conduzindo, tem um espaço ali para a gente também, na educação infantil (Aparício).

A dificuldade seria essa de ter uma resistência externa dos pais e tal, e eu acredito muito que, por exemplo, a gente não vê estagiário homem, eu chego na hora do almoço e eu só vejo meninas novas. A gente não tem só jovens no curso de pedagogia, né? A gente só vê meninas jovens, com um certo padrão estético, um certo tipo de corpo, e aí com a camisa, com a logo da instituição, e de leg. A gente não vê homens com camisas das instituições na hora do almoço, né? E eu, por exemplo, só vejo mulheres. E isso tira até qualquer tipo de vontade de buscar, porque a gente sabe que vai receber ou não (Maxsuel).

Jonas ainda declara: “Preconceito por acharem que apresentamos algum tipo de perigo por sermos homens, talvez por acharem que todo homem é violento ou assediador”. Na mesma vertente, Márcio, Victor e Maxsuel refletem sobre as relações de cuidado, abuso e assédio como possíveis restrições profissionais que podem enfrentar.

Eu entendo que isso pode variar de escola para escola. [...] mas ao mesmo tempo eu sei que quando eu chegar em uma escola eu vou ter limitações logo de cara. Uma delas vai ser essa de não aceitar menino no colo, não levar menino ao banheiro. Então eu já sei que praticamente vai ser mais essa e eu sei que vai ser mais fácil me contratar como auxiliar de professor do que diretamente como professor, então eu já estou pronto com essa realidade, apesar de saber que, claro, isso pode levar um tempo para que eles me conheçam, para que eles se acostumem com a minha metodologia de trabalho e talvez queiram continuar comigo lá na escola (Márcio).

Na educação infantil, principalmente na creche, por exemplo, tem a questão de banhar as crianças, tem a parte de lanche, de dormir ali, de botar as crianças para dormir. Eu acredito que essas partes, as pessoas, os professores e os pais dos alunos, principalmente, ficam com receio de ver um homem dentro desses momentos. Então acho que essas são as restrições que a gente poderá ter (Victor).

[...] eu acho que por eu ser grande, barbudo e gordo, sou relativamente grande e eu acho que meu corpo chega primeiro do que qualquer outra coisa. Então, assim, acho que impactaria mais a questão do meu corpo que acaba sendo o que a gente chama de heteronormativo, né? E eu não tenho, por mais que eu tente ser agradável, eu tento manter minha voz agradável, eu tento ter meus movimentos de forma agradável, cuidadosos com as pessoas, eu não gostaria de ter que ser muito delicadinho e eu vou dizer desse jeito, entre aspas, muito delicadinho para a mamãe, o papai. Claro, a gente é gentil na fala, mas ali de uma forma onde eu tivesse que fazer um personagem para os pais e para que fosse bem recebido, né? Mas, claro, a gente tem a linguagem para cada público, para as crianças também é uma outra linguagem que a gente usa (Maxsuel).

Os alunos destacam que essas restrições envolvem principalmente a relação do seu corpo com o cuidado corporal das crianças. Muitas crianças ainda precisam de auxílio para o momento do banho, troca, alimentação e momento da soneca, e essas restrições tão pouco levam em consideração as técnicas e o trato do (a) profissional docente, estando ancorado em medos sociais, estereótipos de gênero, desconfianças e preconceitos.

Nessa mesma perspectiva das falas de Márcio e Victor, Duarte (2023), em sua tese de mestrado, constatou que professores homens que atuam nas escolas de São Paulo relatam medos por serem homens que estão em contato direto com crianças, medos esses que não temeriam se fossem mulheres.

Os receios de possíveis abusos foram destaques nos depoimentos, pois a comunidade escolar tende a apontar questionamentos à gestão e o professor homem deve passar pelo crivo avaliativo, de maneira a se mostrar apto ao trabalho, o mesmo não ocorre com a mulher [...] O medo apontado pelo professor de que uma criança se machuque, sob seus cuidados, pode estar associado à ideia de que o homem não é capaz de cuidar de crianças e que, quando uma criança, sob seus cuidados, se machuca, ele deve ser considerado inapto para estar ali (Duarte, 2023, p.111).

Esses medos e restrições também acompanham os professores já atuantes na Educação Infantil, como destaca Fávaro (2020):

Rodrigo afirma que era influenciado pelo pensamento social de que a educação infantil não seria uma etapa de ensino adequada para os professores do sexo masculino e reconhece que seu antigo pensamento como um “pré-conceito” que tinha sobre sua profissão, vinculada ao

gênero. [...] aspectos ligados à afetividade presente na profissão, além de mostrar seu descontentamento frente à ideia de que os homens não seriam capazes de demonstrar carinho (Fávaro, 2020. p.61-62).

Assim como os desafios relatados pelos alunos em formação, Fávaro (2020) evidencia que professores enfrentam dificuldades ao longo da trajetória docente, mas que percebem que não sofreriam caso fossem do sexo feminino, como a necessidade de ter que “provar” sua capacidade para atuarem nesses espaços. Aos pedagogos homens, não basta cumprir os pré-requisitos exigidos pelas legislações.

É possível constatar que os desafios enfrentados pelos estudantes homens do curso de Pedagogia, ao realizarem os estágios obrigatórios superam as barreiras físicas e estruturais das escolas. Os preconceitos e estereótipos de gênero citados inicialmente pelos alunos se concretizam pelo fato de que “existem padrões a serem desempenhados por homens e mulheres, sendo esses padrões reproduzidos e mantidos por diversos setores da sociedade” (Fávaro, 2020, p.116). Esses padrões influenciam a forma que o professor será tratado ao atuar na docência da Educação Infantil, apenas por ser homem.

Caminhos para a inserção e permanência de homens na Pedagogia e docência da Educação Infantil

Falar sobre a docência na Educação Infantil nos leva a refletir sobre esse espaço, que historicamente passou por diversas transformações. Apesar dos grandes marcos, essas mudanças não aconteceram de forma repentina. A título de ilustração, pode-se mencionar a LDB, que por meio de seus dispositivos, norteia a Educação Nacional. Suas atualizações contribuíram para o aumento da presença do educador homem na primeira etapa da Educação Básica, ao determinar que estados e municípios deveriam obrigatoriamente realizar concursos públicos, visando reduzir a lacuna que o magistério estava enfrentando no Brasil, principalmente em creches e pré-escolas, consolidando a Educação Infantil como uma etapa valiosa da Educação Básica.

Significativamente, e como já evidenciamos ao longo desse estudo, a representação feminina na docência das creches e pré-escolas é muito maior que a masculina. Nessa perspectiva, os estudantes foram questionados sobre as estratégias necessárias para romper os estereótipos de gênero e tornar a docência masculina na Educação Infantil algo comum. As falas podem ser agrupadas e relacionadas, propondo formações, políticas públicas educacionais, o enfrentamento de estereótipos de gênero e preconceitos, além da inserção e valorização profissional.

Eu acho que é o que deve ser feito de base. No caso, quem já está na educação infantil precisa trabalhar desde cedo para que as crianças vejam que não é o homem ou a mulher, mas sim o docente que está ali, porque é algo que as crianças veem como se fosse uma segunda casa, onde tem uma mãe que vai cuidar, mas não é isso a educação infantil, é onde a criança vai ter experiências que ela vai aprender, aprender brincando. Então, são coisas que precisa-se trabalhar dentro de casa, os pais devem trabalhar isso, a escola precisa também trabalhar isso e principalmente quem coordena tudo isso, no caso da educação infantil aqui é a SEMED, trabalhar com os professores, gestores, com as famílias para mostrar que é algo que também é lugar de homens, principalmente nos cursos e divulgar às mulheres e homens que é um curso aberto. Não é só de mulher ou só de homem, é um curso de quem gosta de ensinar, de quem gosta de trabalhar, de quem gosta de ver as pessoas aprendendo (João).

Eu acho que isso é um trabalho histórico, não é algo que a gente vai conseguir do dia para a noite, até porque é algo que está bastante enraizado, tanto nas ideologias como nas estruturas da sociedade e escola. É um trabalho ali de formiguinha que vai ter que passar espaço por espaço, etapa por etapa, ambiente por ambiente, não adianta a gente querer fazer uma mudança dentro das salas de aula, sendo que a mudança tem que começar desde o ato de contratação, pelo ato de entrevista, de gestão, eu creio que desde formações, bastante formações acerca de gênero, trazer situações do dia a dia [...] que a gente possa investir em formações, são elas que vão ser um dos caminhos principais, para que a gente possa familiarizar mais esse ambiente com o homem (Aparício).

Eu acho que fazer como você está fazendo aqui, trazer esse tema pra dentro da universidade, da sala de aula, assim como outros temas são levados para dentro da sala de aula, esse tema que não é muito falado seria importante levar para as professoras, principalmente na formação de formadores ali. Acho que é bem importante levar nesse momento para formação de formadores, para os professores, para eles se perceberem que esse também é um assunto que deve ser debatido, que deve ser levado em questão para solucionar o problema (Victor).

Em consonância com as falas dos três alunos, Fávaro (2020, p.73) conclui que “[...] ainda é algo comum no imaginário social de que ser professor e professora na Educação Infantil é uma atividade que não exige das políticas públicas uma sólida formação, bastando práticas maternais de cuidado, a maternagem”.

João, Aparício e Victor enfatizam a importância de formações e do debate sobre relações de gênero em escolas, universidades, cursos e formações, de modo que essas questões sejam conhecidas e discutidas em todos os âmbitos da sociedade, não apenas no contexto escolar, por mais que esse processo seja longo e demorado como mencionado por Aparício.

A inclusão de homens na Educação Infantil e nos cursos de Pedagogia também possibilitaria, ainda, a quebra de preconceitos e estereótipos gênero,

A gente está dentro de um sistema, na rede pública, a gente não precisa quebrar essa resistência, porque, se eu passo, eu estou lá, é o espaço que eu ocupei, é meu, eu estou dentro daquela vaga por mérito intelectual. Na rede pública, se há algum tipo de resistência, ou até para evitar ela, acho que uma apresentação por parte da gestão, com os pais, uma fala, essa quebra de estereótipos, ela já ajudava. Na rede privada, teria que mudar a mente coletiva, a mente social. Como eles estão preocupados com ganhar capital, com ganhar dinheiro, com produto, mercadoria, as crianças como mercadoria. Não tem alternativa, eu não vejo alternativa. A gente percebe que quando a pessoa tem mais dinheiro, ela é mais ignorante, mais machista, mais homofóbico (Maxsuel).

Se por exemplo, se uns pais veem um homem que não necessariamente possa ser afeminado, ou que possa não ser gay, ou se ele tem traços heteros rígidos, ele possa não ser visto como um bom professor, ele possa estar ali com más intenções, por exemplo. Isso me parece perceber na sociedade, que a criança não está segura, esse é um dos preconceitos que eu vejo com o homem, e outro porque só a mulher que teria um cuidado que uma criança pequena, né? Que tem cuidado materno. Então, acho que esses preconceitos que os homens sofrem, independente de orientação sexual (Maxsuel).

A fala de Maxsuel evidencia que a presença do homem na Educação Infantil ainda gera impactos, principalmente nas redes privadas de ensino e em famílias conservadoras e extremistas. Ele denuncia o comportamento padrão de uma classe elitista e discriminatória: “No âmbito externo, as dificuldades começam a aparecer nas recusas das escolas por medo das reações dos familiares dos alunos” (Monteiro, 2021, p.98), esse pensamento também se compara com as falas compartilhadas por Aparício e Márcio:

[...] existem como em qualquer profissão, profissionais malfeiteiros e com malícias, que não são de bom caráter, a gente na pedagogia também tem, mas não é só homem, também tem mulheres, a gente já cansou de ver casos de creches de professoras maltratando crianças e tudo mais, então, é um perigo, a ameaça pode vir de todo mundo [...] (Aparício).

Eu vi até uma gestora da liberdade, ela disse que existe esse preconceito em relação à presença masculina na sala da educação infantil e a preferência por mulheres, mas ao mesmo tempo se ignora tantas coisas erradas que muitas mulheres e muitas professoras fazem em relação a crianças e que não são poucas. Ela estava deixando claro que apesar de haver esse preconceito com homens, as mulheres também fazem coisas erradas. Então eu acho que a única forma mesmo é quando as escolas passarem a ter essa oportunidade (Márcio).

Márcio ao destacar que as escolas precisam dar oportunidades para os homens nos leva a compreender que a próxima categoria encontrada nas falas dos alunos é sobre a inserção e valorização desses rapazes que desejam atuar nas escolas de Educação Infantil.

Eu creio que a primeira coisa seria as escolas abrirem esse espaço para professores do sexo masculino. [...] Então é um processo, porque eu estou aqui já faz seis anos e eu não vejo assim que a universidade tenha alguma política em relação às escolas conveniadas para estágios não obrigatórios para dizer assim “nós estamos incentivando a contratação de rapazes aqui, tem muitos rapazes no curso de pedagogia e eles são muito bons no que fazem, tal, indicar”, eu não vejo isso. Então acaba havendo uma barreira ainda maior. O próprio curso não indica. Acho que talvez, além disso, o curso ajudando seria uma parceria ideal (Márcio).

Diego reforça que permitir o ingresso de docentes masculinos nas instituições como creches e pré-escolas é fundamental para aumentar a representatividade masculina na Educação Infantil, e Jonas acrescenta que é necessário “Dar aos homens que têm interesse, acolhimento e toda assistência e escuta que forem necessárias”.

Dessa forma, as falas dos alunos nos indicam que, para a tornar comum a presença de docentes homens nessa etapa da educação, faz-se necessário uma intermediação de estratégias, como formação continuada, ações educacionais em escolas, universidades e SEMED, valorização profissional e mudanças sociais e culturais, contribuindo para um espaço escolar cada vez mais distante de estereótipos e barreiras sociais. Para além disso, destaca-se que tais estratégias não objetivam impor a docência masculina, mas naturalizar os diferentes tipos de profissionais que podem atuar na Educação Infantil.

A contribuição do pedagogo homem para a construção de uma educação mais igualitária

Apesar da presença escassa de pedagogos homens, podemos perceber contribuições efetivas que auxiliam nas experiências e no desenvolvimento integral das crianças. Ao serem questionados sobre as contribuições da atuação do professor homem na Educação Infantil, podemos identificar nas falas dos entrevistados categorias importantes para à relação aluno-professor, às referências de gênero e combate aos estereótipos:

A presença masculina na Educação Infantil amplia as referências de cuidado e afeto, quebra estereótipos de gênero e mostra às crianças que o cuidado também é papel dos homens, permitindo que as futuras gerações não enxerguem apenas a mulher no trabalho de ensino e

cuidado, abrindo mais possibilidades e quebrando estereótipos tanto para as mulheres quanto para os homens (Diego).

Bom, eu penso que pode contribuir justamente para que ela não venha ter um olhar totalmente paternalista, mas sim ela vai ver um professor que pode respeitá-la, que pode tratá-la, que pode estar junto com ela ali. Principalmente, as contribuições que um professor pode dar é justamente o fato de que a criança vai poder interagir com ele, trabalhar com ele, estar junto com ele [...] então, a contribuição é que vai variar muito esse trabalho, que vai ter uma perspectiva de gênero diferente da grande maioria. Apesar de que já há várias visões, mas eu creio que vai ampliar ainda mais essa visão do que é educação infantil e suas variáveis (João).

Muitas porque geralmente as crianças pensam, as crianças não, os pais e responsáveis pensam que o ato de cuidar, do afeto, geralmente vem só da mulher, eu tenho esse lado, mas a gente homem também tem esse lado afetivo, temos o lado do amor, do cuidado, da atenção, do brincar, e creio que da mesma forma que a mulher pode contribuir, nós homens também podemos, e até em alguns pontos de forma diferente, tem pontos que a mulher pode contribuir e que nós homens não podemos, tem pontos que nós homens podemos contribuir, mas que também fogem um pouco a presença das mulheres, então todos nós temos algo para acrescentar e deixar isso só na mão de um é um pouco complicado, mas que aos poucos a gente vai conseguindo mostrar nossa contribuição (Aparício).

Assim, a docência masculina pode auxiliar na desconstrução dos estereótipos que associam o cuidado e afeto exclusivamente às mulheres, promovendo a transformação de pensamentos e de uma geração menos limitada aos estereótipos de gênero. Conectando-se com a fala dos três alunos, podemos confirmar por meio dos escritos de (Fávaro, 2020. p.118)

[...] o homem pode sim, cuidar, quebrando assim, paulatinamente, o estranhamento que este assunto provoca, como também gerando benefícios para as próprias crianças, que serão expostas a diversos modos de cuidado e possibilitando que vivenciem, desde da infância, outros modelos de masculinidades.

Em concordância com a autora, Márcio, Jonas e Victor ressaltam que a atuação do professor homem na educação das crianças oferece um exemplo positivo de masculinidade e afetividade:

A gente sabe que a criança vê na professora um parente. Para alguns, a professora é tida com uma mãe. Então ela se aproxima dela. Mas a

criança também sente falta de um pai, digamos assim. Ela também sente falta de uma representação masculina. A professora está ali para entender todo o processo educacional, mas a criança sente falta dessa presença. E um homem, ele transmite segurança para a criança, ele também é um representante de família ali naquela classe. E as próprias crianças têm curiosidades que elas gostariam de tirar com o professor homem. Então poderia auxiliar muito, sem contar na contribuição que um homem dá para uma escola. Em muitos casos e às vezes assim, eles ignoram e acabam tendo que chamar outros para ajudar (Márcio)

Reforça a figura de um homem que as cuide bem, que as ensine com amor, que seja carinhoso com elas, divertido e lúdico (Jonas).

É, como eu já tinha comentado anteriormente, eu tive aquela experiência das crianças e os meninos se espelharem em mim porque eles só tinham professoras mulheres. Então, aquelas crianças, por exemplo, que não tem o pai, acho que seria de uma grande ajuda ter uma figura masculina dentro da sala de aula, até porque a sala de aula é um lugar onde a criança vai aprender não só questões de conhecimento específico, mas questão de ética, de comportamento e tendo uma figura masculina, principalmente para as crianças que não tem pai presente, seria de uma grande ajuda (Victor)

Assim, a figura do professor pode reforçar a importância de exemplos positivos em uma sociedade atravessada por perfis negativos de homens e mulheres, auxiliando no combate do aumento desacelerado do machismo, sexismo e homofobia. Essas contribuições segundo (Fávaro, 2020, p.98):

[...] é tão importante, uma vez que contribui para que as crianças sejam apresentadas a um modelo de homem cuidador desde pequenas, modelo este de masculinidade que muitas vezes não terão dentro de suas famílias.

Essa contribuição também seria essencial para transformações históricas que envolvem o conceito de masculinidade hegemônica, a partir desses exemplos positivos podemos presenciar a mudança social e cultural de modelos masculinos opressores para modelos inspiradores, que vão na contramão das imposições de gênero “Talvez fosse possível uma maneira de ser homem mais humana, menos opressiva, pudesse se tornar hegemônica como parte de um processo que levaria à abolição das hierarquias de gênero” (Connell; Messerschmitt, 2013, p.245).

Além disso, a presença de educadores homens oferece inspiração profissional para as crianças e a valorização do magistério:

Eu acho que, enquanto gênero, tanto o homem quanto a mulher, eles acabam desenvolvendo alguns papéis distintos e tal, mas não que um não possa fazer o papel do outro, nessa sociedade que a gente vive.

Então, eu acho que o homem, na educação infantil, pode trazer algumas referências importantes, inclusive de ser um professor. Na fase adulta, talvez falte isso também, para que a gente possa ter interesse em ser educador. E aí, não estou falando só de pedagogia [...] eu acho que trazer essas referências para as crianças, que a gente está tendo um déficit de licenciaturas, eu acho que abrir esse espaço para os professores na educação infantil pode ser um pouco dessa ponta, essa inspiração para a academia, para esse retorno dos jovens para as universidades (Maxsuel).

Atualmente o Brasil sofre um “apagão” de professores. Dados recentes mostram que o desinteresse perpassa principalmente pelos fatores de risco, resultantes de condições precárias do trabalho, assim como a baixa remuneração. Estratégias do Governo Federal, como o “Programa Mais Professores para o Brasil”, visam à valorização e adequação da atuação docente. A fala de Maxsuel nos leva a refletir que, em um cenário de déficit significativo de professores (as), reforçar a valorização do magistério por meio da inclusão de professores homens nas escolas pode colaborar para reverter esse cenário, desconstruir estereótipos de gênero sobre a atuação na Educação Infantil e contribuir para a valorização do magistério, além de exemplificar boas práticas nas docências de creches, pré-escolas e todas etapas da educação básica.

Considerações Finais

Esse estudo contribui para uma compreensão mais abrangente da atuação de homens na Educação Infantil e desconstrução dos estereótipos de gênero que recaem sobre esses sujeitos, considerando as percepções dos estudantes do curso de Pedagogia, preenchendo a lacuna existente nas produções acadêmicas sobre o tema de grande relevância e atualidade. Constatamos a urgência dos debates sobre as diferentes imposições de gênero em todas as instâncias sociais, ser professor homem e da Educação Infantil coloca à prova diferentes fatores que não são exigidos como pré-requisitos nos concursos, seletivos ou no ato de contratação de escolas públicas ou privadas, mas que ficam visíveis quando esse espaço é ocupado por um homem para exercer a docência.

Os resultados nos revelam que, embora pertencentes ao curso de Pedagogia, os homens enfrentam barreiras e limitações que vão além do físico, desde o sentimento de solidão falta e ausência de referências masculinas no curso, passando pelos estigmas ligado à sua orientação sexual, até os olhares atravessados de suspeitas e estranhamentos que os acompanham durante a formação. Soma-se isso a força dos estereótipos de gênero

que associam o ato de cuidar e educar exclusivamente às mulheres, o que contribui para a evasão e baixa representatividade masculina na Pedagogia e Educação Infantil.

Apesar das limitações, os entrevistados compreendem a educação como um processo formativo capaz de transformar a sociedade e romper com os estigmas de gênero e influenciar grandes passos para as mudanças sociais.

Os dados obtidos também indicam que a inclusão de profissionais do sexo masculino na Educação Infantil não apenas contribui para pluralizar e diversificar o corpo docente, mas também enriquece e auxilia na experiência educacional das crianças, ao favorecer o contato com diferentes modelos de identidades de gênero, ampliar as referências profissionais e possibilitar a desconstrução de construções sociais como a que envolve o conceito de masculinidade hegemônica.

Com base nas narrativas, observa-se que para que ocorra a inclusão e a permanência de homens na docência da Educação Infantil e nos cursos de Pedagogia em todo Brasil, faz-se necessário um movimento para a erradicação dos estereótipos de gênero enraizados na sociedade que legitimam o que deve ou não ser seguido por um homem ou por uma mulher, assim, necessita-se de uma formação inicial e continuada que seja sensível à diversidade, reformulação curricular que contemple as relações, construções, estereótipos e limitações de gênero desde os períodos iniciais da formação, além de formações pedagógicas na rede de ensino que evidenciem as inconsistências e desigualdades educacionais e profissionais que envolvem meninos e meninas, homens e mulheres.

A valorização da presença de educadores homens na educação de crianças pequenas não deve ser compreendida como uma exceção ou concessão, mas como um passo para a garantia de direitos, a construção de uma educação plural, valorizando e fortalecendo a diversidade de experiências, ampliando os repertórios de uma masculinidade positiva, ética, sensível e comprometida com o cuidar e educar.

Assim, destacamos a necessidade de que esse debate seja cada vez mais pautado no âmbito acadêmico, profissional e social, considerando sua relevância no cenário educacional e sua potencialidade para transformações sociais. Nesse sentido, a pesquisa não encerra em si mesma, mas abre caminhos para novos estudos que aprofundem a discussão e fortaleçam a produção científica sobre masculinidades e docência.

Referências

- ANDRADE, Thiago Nicolau Ferreira. **Homens pedagogos**: uma análise do trabalho docente na educação infantil da rede municipal de Goiânia (2018-2022). 2022. 111 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2022.
- CONNELL, R. W.; MESSERSCHMIDT, J. W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 241-282, jan./abr. 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/cPBKdXV63LVw75GrVvH39NC>. Acesso em: 10 jul. 2025.
- DUARTE, Leonardo Felipe Gonçalves. **Gênero e Educação**: o que pensam os professores homens sobre a sua inserção e atuação em instituições de educação infantil. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade da cidade de São Paulo - UNICID, São Paulo, 2023.
- FÁVARO Jéssica Daniele. **Professores homens**: suas trajetórias na educação infantil. 2020. Dissertação de mestrado (Programa de Educação Escolar da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara) - Universidade Estadual Paulista (UNESP), São Paulo, 2020.
- GOMES, Romeu. A análise de dados em pesquisa qualitativa. In: MINAYO, Maria Cecília de Sousa(Org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 67-80.
- LOURO, Guaracira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. 16. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- LÜDKE, Menga. ANDRÉ, Marli E.D.A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. 2^a ed. Rio de Janeiro: E.P.U, 2018.
- MONTEIRO, Gabriel Rocha. **As representações dos alunos do gênero masculino no Curso de Pedagogia**: homens e identidades na rota de conflitos. 2021. 123 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Formação Docente em Práticas Educativas - PPGFOPRED) - Universidade Federal do Maranhão, São Luís.
- PRODANOV, C.C. FREITAS, E.C. **Metodologia do trabalho científico**: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico. 2^a ed. Rio Grande do Sul - Novo Hamburgo: Feevale, 2013.
- PIMENTA, Selma Garrido e LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágios supervisionados e o programa institucional de bolsa de iniciação à docência: duas faces da mesma moeda?** Revista Brasileira de Educação, v. 24, 2019. Tradução. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782019240001>. Acesso em: 09 jul. 2025.
- RABELO, Amanda Oliveira. Professores discriminados: um estudo sobre os docentes do sexo masculino nas séries do ensino fundamental. **Educação e Pesquisa**, v. 39, n.4, out/dez - 2013, p.907-925.

SAYÃO, Deborah Thomé. **Relações de gênero e trabalho docente na educação infantil:** Um estudo de professores em creche. Tese de doutorado, Programa de Pós-graduação em educação, Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, 2005.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & realidade.** Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995. Disponível em:
<https://www.seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/viewFile/71721/40667>. Acesso em: 10 jul, 2025

VIANNA, Claudia Pereira. O sexo e o gênero da docência. **Caderno Pagu**, Campinas, n. 17-18, p.81-103, 2002. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/cpa/a/hQFDykQmWnPvj4TYTWYmKZb/?lang=pt> Acesso em: 31, mar. 2025.

Recebido em agosto de 2025.

Aprovado em outubro de 2025.